

COLLOR E A MODERNIDADE

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 28/02/91

Se, ao contrário do que diz uma esquerda mal-informada, Collor não é um neoliberal, se o neoliberalismo é no Brasil uma mera importação ideológica de setores de direita inexpressivos politicamente, e uma invenção da esquerda igualmente sem sentido, o que representa seu governo ideologicamente? E mais amplamente, quais são as verdadeiras correntes ideológicas hoje disputando o poder no Brasil?

É comum ouvirmos dizer que a distinção entre esquerda e direita não tem mais sentido. Mais importante seria a distinção entre arcaico e moderno. Essa afirmação é falsa, ao pretender desqualificar uma clivagem político ideológica que sempre foi fundamental. A distinção entre aqueles que, na direita, em nome dos interesses estabelecidos, colocam a ordem acima da justiça, e aqueles que, na esquerda, inconformados com o estado das coisas, estão dispostos a arriscar um pouco a ordem em nome da justiça sempre foi importante e continuará a sê-lo. A afirmação, entretanto, é correta ao salientar que em um tempo em transformação como o nosso a distinção entre o arcaico e o moderno tornou-se crucial. Há uma esquerda arcaica e uma esquerda moderna, como há uma direita arcaica e uma direita moderna. E Hélio Jaguaribe sugeriu recentemente que o arcaico está mais distante do moderno do que a esquerda moderna social-democrática da direita moderna.

O que distingue tanto a direita quanto a esquerda modernas é o primado da eficiência e de uma razoável equidade social. No primeiro sentido há uma conotação curiosamente tecnocrática no sentido da palavra "moderno". Para alcançar a eficiência existe a convicção que a alocação dos recursos via mercado é preferencial sobre a alocação via Estado. Embora as duas correntes concordem nesse ponto, está claro que a direita dá mais ênfase a ele do que a esquerda. Por outro lado, para alcançar a equidade social o mercado deve ser complementado pelo Estado. Aqui novamente há acordo, mas o ponto é naturalmente mais enfatizado pela esquerda moderna.

É preciso ficar claro que a direita moderna não é neoliberal, porque aceita a intervenção ampla do Estado na área social e limitada na área econômica. Continua a ser direita, porém, na medida em que o capitalismo é visto como o sistema econômico

e social ideal. Por outro lado, a esquerda moderna continua a ser esquerda, porque em sua utopia, geralmente colocada em um futuro distante, existe sempre algo parecido com um socialismo de mercado, auto-gestionário e democrático. O capitalismo pode ser a forma mais eficiente, apesar de todos os seus desperdícios, de um dia chegar a essa utopia. Não se confunde, entretanto, com ela.

A esquerda moderna vem surgindo de várias maneiras. Nos anos 60 falava-se em uma "nova esquerda" nos países centrais. Nos anos 70, nos Estados Unidos, ao nível do Partido Democrático, surgiu uma nova corrente de políticos progressistas, por alguns identificados como os "filhos de Kennedy". Na medida em que esses jovens políticos davam uma ênfase muito maior ao mercado e à eficiência, foram freqüentemente confundidos com os conservadores.

Em oposição a estas idéias modernas, a direita arcaica, no plano mais geral ou universal, estava mais preocupada com a ordem e a tradição, enquanto a esquerda arcaica se preocupava com o estabelecimento de uma ordem nova. No âmbito mais restrito do Brasil, nos últimos trinta anos, a direita arcaica estava identificada com o desenvolvimentismo burocrático autoritário, enquanto a esquerda arcaica se apegava ao populismo distributivista.

A transição do arcaico para o moderno está acontecendo no Brasil de forma dramática nos anos 80, em meio a um processo de transição democrática, de desinteresse pela política, e de crise econômica. A transição democrática ocorreu da direita arcaica para a esquerda arcaica. O fracasso da esquerda arcaica na primeira metade do governo Sarney e da direita arcaica na segunda acelerou o processo de mudança em direção ao moderno.

Collor se elegeu com a bandeira da modernidade. Modernidade expressa na superioridade do mercado sobre o Estado para promover a eficiência econômica. No seu relacionamento direto, pessoal, com cada eleitor havia sem dúvida um elemento claramente populista. Mas este fato não o levou, no governo, a adotar práticas populistas. Sua política de estabilização não está dando bons resultados, mas isto não se deve a práticas populistas, ao medo de tomar medidas impopulares.

Collor inscreve-se, portanto, no campo da modernidade conservadora, mais próxima da direita, do que da esquerda. Mas sem dúvida modernidade.

Por outro lado há uma outra clivagem fundamental que precisa ser destacada. A esquerda arcaica era nacionalista, a direita arcaica oscilava entre o nacionalismo e o internacionalismo primeiro mundista. Tanto a esquerda como a direita moderna não são nacionalistas. Cada vez mais estão identificadas com a idéia do interesse nacional. Interesse nacional que deve ser examinado caso a caso, que recusa a idéia de imperialismo generalizado dos nacionalistas da mesma forma que não aceita o pressuposto da boa vontade do primeiro mundo dos internacionalistas. Collor, através

de sua política de dívida externa, parece claramente identificado com a estratégia do interesse nacional.

É claro que o governo Collor está cheio de contradições. Em um país tão complexo e desigual como o Brasil é impossível ser governo sem ser contraditório. As contradições se originam no próprio Collor. Suas origens estão na direita oligárquica do coronelismo nordestino e na direita arcaica, burocrático autoritária, de 1964. Mas está claro que, embora sem negá-las totalmente, ele superou essas origens.

É claro, também, que há muitas indefinições em seu governo. O governo Collor está apenas no começo. A crise econômica que está enfrentando é imensa, a herança que recebeu do governo Sarney, pesadíssima, as pressões que sofre dos credores externos, enormes. O Brasil é hoje uma sociedade dividida em sem rumos. Liderar essa sociedade para a modernidade, para a retomada do desenvolvimento com um mínimo de equidade, é uma tarefa ciclópica. Nada garante que Collor consiga realizá-la.

Collor precisará de um mínimo de apoio da sociedade e dos partido políticos. Apoio em que as considerações ideológicas sejam colocadas em segundo plano. A modernidade é um desafio para o Brasil. Desafio que poderá ser enfrentado tanto pela esquerda como pela direita modernas desde que tenham muito claras para si a gravidade da crise fiscal e o sentido do interesse nacional. A presença de Collor na Presidência da República, apesar das dificuldades do primeiro ano de governo, continua a significar uma esperança para o país. Uma esperança que 1991, apesar dos tempos incertos em que vivemos, se encarregará de confirmar ou negar.